

Qualidade é opção mais cara

Uma escola que privilegie a qualidade de ensino — o que compreende grandes investimentos em pessoal e em materiais didáticos, turmas pequenas, acompanhamento pedagógico e maior número de aulas — não custa barato. Esta é a conclusão a que chegaram os professores que administraram, em regime de co-gestão, o Ceat (Centro Educacional Antônio Teixeira), no Rio. Com eles concordam os 300 pais que, há 10 anos, fundaram, em Campinas, a segunda maior cidade de São Paulo, a Escola Comunitária.

Colégios sem fins lucrativos, eles seguem projetos político-pedagógicos semelhantes — “desenvolver um ensino crítico-libertário”, explica Emilia Maria Augusto dos Santos, diretora do Ceat — mas chegam ao cálculo da mensalidade por caminhos diferentes. Em Campinas, os custos da escola durante um mês são examinados em assembleia e divididos pelo número de alunos: o resultado é a mensalidade do mês seguinte. No Ceat, os professores calculam os gastos de um período e, a partir daí, estipulam a mensalidade.

“A escola não tem um dono, todos participam”, comenta Amélia Pires Palermo, diretora da Escola Comunitária de Campinas. Lá, a cada dois anos, os pais de alunos elegem quatro representantes, uma coordenadora pedagógica e um professor, que formam o colegiado administrativo. No Ceat, os professores escolhem os diretores, mas a participação dos pais se resume a ser um deles responsável pelas finanças do colégio.

Gasto extra — O item em que as duas escolas gastam bastante e que não existe em praticamente nenhuma outra escola particular, a não ser as alternativas, é a estrutura pedagógica, aí incluídos materiais específicos. Em Campinas, os professores se reúnem semanalmente para discutir o programa adotado e, no Ceat, as reuniões pagas como aulas vão de 8 horas por mês, para os professores da 4^a série em diante, a 13 horas, para os da alfabetização à 3^a série.

“Além disso”, afirma Emilia Augusto, “pagamos assessorias pedagógicas para cada disciplina. Temos nutricionista, psicólogo, médico e enfermeira e, nas turmas da creche — que têm de 10 a 12 alunos — trabalhamos com uma professora e uma auxiliar”.

Outros fatores que contribuíram para encarecer o custo do ensino no Ceat foram a ampliação, este ano, o aumento da carga horária de todas as séries e o limite de número de alunos por turma.

“Não oferecemos luxo, mas sim qualidade”, explica Emilia Augusto. Na Escola Comunitária de Campinas, o limite de alunos por turma é 35 e um dos itens que mais encarecem seu ensino é o fato de que, a partir da 5^a série, não se adotam livros, substituídos por material produzido pelos professores e distribuído aos alunos, em fotocópias.

Em Brasília, a escola Vivendo e Aprendendo, que funciona desde 1982 como uma cooperativa de pais e professores, com 115 alunos de dois a cinco anos, não tem conseguido compatibilizar sua despesa com a receita. No colégio, as despesas são discutidas em assembleias mensais de pais e professores. Com turmas de 17 crianças, no máximo, a escola teve uma receita de CZ\$ 222.358,00 em fevereiro e despesas de CZ\$ 420.392,00, segundo seu administrador, Gabriel Salgado Fetterman.

“Tivemos que aumentar em 38% as mensalidades, que ficaram em torno de CZ\$ 4.500”, diz Fetterman, “mas a escola vive no limite da sobrevivência”.